



## ENCICLOPÉDIAS, UTOPIAS E OUTRAS IMAGENS DO MUNDO

**Margarida Santos Alpalhão**

Universidade Nova de Lisboa - CEIL

### **Resumo**

O presente artigo visa encontrar permanências e variações na imagem do mundo, ao longo do tempo, tendo como ponto de partida a que os textos enciclopédicos medievais e a cartografia antiga veiculam, passando depois pelas utopias, mas não deixando de mencionar ou citar alguns outras fontes: textuais, icónicas, sonoras (portulanos e mapas, livros de marinharia e relatos de viagem, romances e letra musical). Procura-se demonstrar como alguns espaços (ilha, cidade) vão sendo arrumados numa cartografia que (se) redesenha (o mundo), ao longo do tempo, segundo um ponto de vista ou um local de observação. Essencialmente, importa aqui perceber como a imagem do mundo veicula o Imaginário, ou o contrário, e é por ele modificada, permitindo compreender como as vertentes mais real ou mais imaginada interagem entre si, de modo a preencher os espaços entre ciência e imaginário.

**Palavras-chave:** enciclopédias, utopias, cartografia, literatura, música, imaginário

### **Abstract**

This article aims to find continuities and changes in the image of the world, over time, taking as its starting point the one that the encyclopedic medieval texts and cartography show, passing through utopias, but not neglecting to mention or quote some other sources: textual, iconic, sound (charts and maps, mariner's and travel books, novels and lyrics). It seeks to demonstrate how some spaces (island, city) will be organized in a mapping that repaints the world or and the mapping itself, over time, according to a viewpoint or an observation site. Essentially, it is important here to realize how the image of the world conveys the Imaginary, or the opposite, and is modified by Imaginary, allowing understanding how real or imagined strands interact, to fill the gaps between science and imagination.

**Keywords:** encyclopedias, utopias, cartography, literature, music, imaginary



*Youkali, c'est le pays de nos désirs*<sup>1</sup>.

## Ponto prévio

É, em certa medida, um anacronismo falar de enciclopédias na Idade Média, pois o termo só aparece cunhado, em francês, em 1522, mas, como refere Benoît Ryke «la chose existait avant»<sup>2</sup>. Ainda assim, hoje é pacífica a utilização do termo para referir as obras de literatura didáctica que, em verso ou em prosa, tinham como primeiro intuito a compilação do conhecimento: os textos apresentam uma imagem do mundo, segundo uma determinada ordem. Não encontramos, no entanto, em qualquer destes textos, uma ordenação alfabética. A ordenação do mundo habitado conhecido, no Ocidente, obedecia à visão católica da cultura e do conhecimento, mais ou menos real e mais ou menos fantástica, de povos e lugares.

A organização interna dos textos enciclopédicos medievais, no ocidente cristão, decorre, assim, de uma dada visão do mundo, visão esta dual, subordinada a um conjunto de contrastes que dominam o pensamento medieval, mas da qual sobressai uma ideia primordial: Deus é o criador e a Natureza obra sua<sup>3</sup>.

E se o enciclopedismo medieval e os seus textos mais antigos recolhem o conhecimento que transmitem essencialmente em autores antigos, usando conteúdos de origem livresca, a partir dos séculos XII e, principalmente, XIII, os textos, tanto em latim quanto em línguas românicas, começam a denotar uma atitude experimentalista ainda incipiente.

A organização interna dos textos não é o único aspecto a ter aqui em conta, mas é um aspecto relevante nesta leitura. A imagem do mundo que podemos colher nos textos enciclopédicos medievais é, também em termos geográficos, bastante diversa daquela que os portulanos e os mapas renascentistas mostram. Pode dizer-se que o *desenho* do mundo habitado, ou a *œkumene*, como lhe chamavam os antigos<sup>4</sup>, muda significativamente a partir das descobertas marítimas portuguesas e

<sup>1</sup> Letra de canção de Roger Fernay e música de Kurt Weill: *Youkali-Tango Habanera* (1934-35). Trata-se, de acordo com a letra da música, de uma ilha imaginária. Cf., WEIL, Kurt e FERNAY, Roger, *Youkali*, por Mario Frangoulis, in *Mario & Friends*, audio CD, vol. 1, Sony UK, 2009, entre outros intérpretes possíveis.

<sup>2</sup> O termo foi cunhado num manuscrito francês, em 1522, por Guillaume Baudé (*Institution du Prince*), mas impresso pela primeira vez por François Rabelais (*Pantagruel*, capítulo XX), *apud* RYKE, Benoît Beyer de - «Le miroir du monde: un parcours dans l'encyclopédisme médiéval». *Revue Belge de Philologie et d'Histoire*. T. 81, fasc. 4 (2003), p. 1244, n. 5.

<sup>3</sup> Ver, sobre o assunto, o pequeno, mas clarividente, capítulo de Aron GUREVITCH - «A "visão do mundo" do homem da Idade Média». in *As Categorias da Cultura Medieval*. Lisboa, Caminho, 1990, p. 13-40. Ver ainda o artigo, fundamental, de BOÛARD, Michel de - «Encyclopédies Médiévales. Sur la "connaissance de la nature et du monde" au moyen age». *Revue des Questions Historiques*. n.º 112/2 (1930), p. 258-304, em particular o capítulo «Définition de l'Encyclopédie Médiévale», p. 265-266.

<sup>4</sup> É atribuída ao gramático Crato de Malos (c. 150 a. C.), a primeira tentativa de construção de uma visão esférica da terra. Cf. RAISZ, E. - *General Cartography*. 2.ª ed., McGraw Hill, 1948, p. 10. Este autor apresenta, numa reconstrução moderna, a imagem daquela ideia. Macróbio (fim séc. IV-início séc. V) desenvolve esta ideia a propósito da observação das



espanholas, designadamente a descoberta do continente americano, a do caminho marítimo para a Índia e a da possibilidade de circum-navegação do mundo comprovada por Fernão de Magalhães (ou Magellan, como é conhecido em outras línguas).

À semelhança do que se verifica na pintura, com a passagem da «obra ao romano»<sup>5</sup> para a utilização da perspectiva, pode considerar-se que o *orbis terrarum* se torna *globus terrarum*, designadamente tendo em conta que o globo terrestre conhecido mais antigo foi construído por Martinho da Boémia (Martin Behaim, 1459-1507), em Nuremberga, em 1492, o qual vivera em Portugal e participara em navegações portuguesas. A mudança de ponto de vista abrange inclusive outras áreas, como a da língua, por exemplo, em que o *uso* passa a consagrar aquilo que, até então, era fornecido pela etimologia, como acontece, no caso português, com Fernão de Oliveira e João de Barros<sup>6</sup>.

Naquela *œkumene*, o mundo habitado conhecido na Idade Média, do ponto de vista europeu<sup>7</sup>, encontram-se inclusive espaços, então apresentados nos textos e representados em mapas e cartas, que as navegações ibéricas vieram mostrar não terem existência geográfica real. O paraíso terrestre, a ilha de S. Brandão ou a ilha do Solstício<sup>8</sup>, a ilha, ou a terra, de Gog e Magog<sup>9</sup> são exemplo deste facto. E passam, por isso, no século XVI, de espaços desconhecidos a espaços maravilhosos, ou melhor, passam a lugares imaginários. Espaços utópicos, segundo uma linguagem, e uma perspectiva, mais renascentista.

Para além do espaço terrestre, o espaço celeste também passa a ser olhado de nova forma. Se, até quinhentos, segundo os Pitagóricos, Platão e, depois, Cláudio Ptolomeu (c.90-c.180), o mundo supra-terrestre era um espaço finito, suportado pela esfera dos fixos, fechado e redondo, girando à volta da Terra, com a revolução cosmológica protagonizada por Nicolau Copérnico (1473-1543), apoiada e complementada por Giordano Bruno (1548-1600), desenvolvida por Galileu Galilei (1564-1642) e Johannes Kepler (1571-1630), o espaço celeste passa a ter nova

---

estrelas, no seu célebre *Commentarius in Somnium Scipionis*. Cf. DESCHAMPS, Henri *et al.* - *Oeuvres de Macrobie*. vol. III, Paris, Panckoucke Éditeur, 1847, p. 326-330.

<sup>5</sup> MOREIRA, Rafael - «Arquitectura: Renascimento e Maneirismo». in PEREIRA, Paulo (dir) - *História da Arte Portuguesa*. Vol. II, Lisboa, Círculo de Leitores, 1995, p. 315-320.

<sup>6</sup> BUESCU, Maria Helena Carvalhão - *Gramáticos Portugueses do século XVI*. Lisboa, ICALP/MEC-SEC, 1978, p. 14-15 (col. Biblioteca Breve).

<sup>7</sup> Não deixa de ser curioso que no final do século XVIII, em obras que hoje chamaríamos manuais escolares, se registe, ainda, a propósito da divisão do mundo: «P. Como se divide a terra? R. Em dous continentes, o antigo, e o novo. (...) P. Quantas partes contem o antigo continente? R. Tres, a saber; a Europa; a Asia; e a Africa, que sempr[e] foraõ conhecidas naõ inteiramente; como ellas o naõ saõ ainda hoje.» in REGO, Antonio da Sylva - *Dialogo de Arithmetica...* ANTT, Ms. Liv. 208, p. 28.

<sup>8</sup> Veja-se, a propósito destas ilhas e da sua tradição textual e icónica, o interessante artigo de MORALES, Serafín - «Las Islas del Sol. Sobre el mapamundi del Beato del Burgo de Osma (1086)». in GODINHO, Helder (org.) - *A Imagem do Mundo na Idade Média. Actas do Colóquio Internacional*, Lisboa, ICALP-ME, 1992, p. 41-61.

<sup>9</sup> Em Hugues de S. Victor o espaço é identificado como ilha de Gog e Magog; mas é como «terra» que surge nos textos enciclopédicos.



configuração, ou melhor, nova representação. Com efeito, a teoria heliocêntrica do primeiro autor acaba por substituir a concepção ptolomaica do mundo, que vigorara até então. A cosmologia encontrada nas obras medievais e renascentistas, e nas posteriores, varia, portanto, significativa e radicalmente. Assim, e em suma, no primeiro milénio, e metade do segundo, estamos perante o sistema cosmológico ptolomaico, ou o geocentrismo, que dará depois lugar ao sistema que conhecemos actualmente.

O objectivo deste texto é percorrer esta mudança de sistema, de perspectiva, de olhar e de imagem, pois disso se trata, através de dois tipos de texto, em particular: o enciclopedismo medieval e as utopias quinhentistas, verificando, depois, como, designadamente através do imaginário, algumas dessas imagens perdurarão ao longo do tempo.

## O enciclopedismo medieval

*Dê-se-lhe o nome de Imago Mundi, por nele se contemplar, como num espelho, a ordem de todo o universo<sup>10</sup>.*

Para além da identificação do *corpus* textual<sup>11</sup> e de breve nota sobre a composição de algumas enciclopédias medievais, ao ponto de vista que aqui interessa, importa a imagem do mundo que os textos enciclopédicos medievais apresentam, nomeadamente quando alguns incluem iluminuras, cujo intuito didáctico é manifesto, por se tratar de imagens que ilustram o texto. Ainda que, como refere Jean-Claude Schmitt, «l'image elle-même était d'abord pensée comme un texte»<sup>12</sup>, a intensificação da utilização da imagem, sobretudo a partir do século XIII, encontra-se intimamente ligada à disseminação de obras incluídas na literatura didáctica e moral, como também refere aquele autor.

<sup>10</sup> AUGUSTODUNENSE, Honório - «Prólogo». in *Imagem do Mundo*. Estudo introdutório, tradução, notas e índices de Manuel Barbosa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa: Lisboa, 1990, 247 págs. (Tese de Mestrado em Literatura Latina), p. 100.

<sup>11</sup> Sobre este aspecto será útil a consulta de, além do artigo de Michel de Bouard, já mencionado: RIBÉMONT, Bernard - «Repères bibliographiques sur les encyclopédies médiévales de l'Occident latin (XII<sup>e</sup>-XV<sup>e</sup> s.)». *Cahiers de recherches médiévales et humanistes*. 6 (1999), p. 99-109. [Consult. 31-12-2011]. Disponível em: <http://crm.revues.org/933>; SILVI, Christine - «Les «petites encyclopédies» du XIII<sup>e</sup> siècle en langue vulgaire. Bibliographie sélective (1980-2000)». *Le Moyen Age*. Tome CIX (2003/2), p. 345-361. [Consult. 31-12-2011]. Disponível em: <http://www.cairn.info/revue-le-moyen-age-2003-2-page-345.htm>; RYKE, Benoît Beyer de - «Le miroir du monde: un parcours dans l'encyclopédisme médiéval». *Revue Belge de Philologie et d'Histoire*. T. 81, fasc. 4 (2003), p. 1243-1275. [Consult. 31-12-2011]. Disponível em: [http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/rbph\\_0035-0818\\_2003\\_num\\_81\\_4\\_4781](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/rbph_0035-0818_2003_num_81_4_4781) e MANDOSIO, Jean-Marc - «Encyclopédies en latin et encyclopédies en langue vulgaire (XIII<sup>e</sup>-XVIII<sup>e</sup> siècle)». in BURY, Emmanuel (ed.) - *Tous vos gens à latin. Le latin, langue savante, langue mondaine (XIV<sup>e</sup>-XVII<sup>e</sup> siècles)*. Genève: Droz, 2005, p. 111-136.

<sup>12</sup> SCHMITT, Jean-Claude - «Les images classificatrices». *Bibliothèque de l'école des chartes*. t. 147 (1989), p. 312.



A leitura atenta de alguns estudos de contextualização retém a noção de que a cultura greco-latina não esteve ausente de qualquer momento do contínuo histórico que delimita a Idade Média<sup>13</sup>, tendo também marcado presença fundamental na chamada Idade Moderna. Mas mais que o conteúdo, é o objectivo dos textos enciclopédicos antigos que difere do dos seus homólogos medievais: enquanto aqueles visaram servir de estudo propedêutico à filosofia, os textos enciclopédicos medievais consistiram num estudo preparatório para a teologia<sup>14</sup>.

O primeiro dos textos que, marcadamente, assume esta visão teológica do cosmos é também o texto considerado fundador do género medieval: as *Etimologias* de Santo Isidoro de Sevilha (c. 620). Sem nada deixar de fora, o autor aborda, nos três primeiros livros da obra, as artes liberais para dedicar depois outros livros à medicina, ao direito, aos escritos sagrados e à liturgia, a Deus e ao aparelho eclesiástico, inclusive às heresias, aos grupos sociais e à linguagem, aos homens e aos animais, à arquitectura e à agricultura, à guerra, aos espectáculos, à navegação e a outras técnicas.

Os livros XIII (*De mundo et partibus*) e XIV (*De terra et partibus*) são dedicados à cosmologia e à geografia. Ali se encontra um mundo composto por céu, terra e mar (aqui sem o quarto elemento, que juntará adiante, e que outros autores também consideram fazer parte do cosmos). Vejamos um excerto do primeiro capítulo do livro XIII:

El mundo está integrado por el cielo, y la tierra, y los mares y cuanto en ellos hay criado por Dios. (...) En latin, los filósofos le dan el nombre de *mundus* porque está en continuo movimiento, como lo están el cielo, el sol, la luna, el aire y los mares. A sus componentes no se les ha concedido ni un momento de reposo, de manera que están en movimiento constante<sup>15</sup>.

E no capítulo quinto (*De caelo*):

Denominamos así la «esfera del cielo» porque tiene forma redonda. Lo que tiene una figura semejante recibe en griego el nombre de «esfera» debido a su forma circular, semejante a las pelotas con las que juegan los niños. Los filósofos dicen que el cielo tiene apariencia de una esfera y es convexo en todos sus puntos, igual en todas sus partes y que encierra a la tierra como una mole equilibrada en medio del cosmos. Afirman también que se mueve y que con su movimiento giran, de oriente a occidente, las estrellas, fijas en él<sup>16</sup>;

<sup>13</sup> COELHO, J. Maria Latino - «A Ciência na Idade Média e as enciclopédias desse tempo». *Arquivo Pittoresco*. 7 (1864), republicado em *A Ciência na Idade Média*. Lisboa: Guimarães Editores, 1988, p. 13-54; MATTOSO, José - «As enciclopédias medievais». *Prelo*. nº 4 (1984), p. 43-51; ALPALHÃO, Margarida Santos - «A tradição enciclopédica medieval». in METZ, Gossouin de - *Imagem do Mundo. 1245*. Lisboa: IEM, 2010, p. 13-22.

<sup>14</sup> RYKE, Benoît Beyer de - *op. cit.*, p. 1247-1248.

<sup>15</sup> SEVILHA, Santo Isidoro de - *Etimologías II*. 2.ª ed., de J. O. Reta e M. A. M. Casquero, Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1994, p. 125.

<sup>16</sup> *Idem*, p. 131.



Retemos, portanto, a imagem de um cosmos esférico, fechado e em movimento contínuo. Ora a esfericidade e a circularidade parecem, no excerto, sobreponíveis, o que poderá ter contribuído para a imagem da terra plana.

No livro XIV, Isidoro começa por situar a Terra logo no início do primeiro capítulo:

La tierra está situada en la región central del universo, colocada a modo de centro equidistante de todas las demás partes<sup>17</sup>.

E continua no segundo capítulo:

Se denomina orbe por la redondez de su círculo, porque es semejante a una rueda; por eso, a una rueda pequeña se le da el nombre de *orbiculus*. El océano la rodea por todos los lados, limitando sus confines como en un círculo. El orbe está dividido en tres partes, una de las cuales se denomina Asia, otra Europa, y la tercera, Africa. 2. Los antiguos no dividieron de manera homogénea estas tres partes del orbe, ya que Asia, por el oriente, se extiende desde el mediodía hasta el septentrión; Europa, por su parte, desde el septentrión hasta el occidente; y Africa, en fin, desde occidente hasta el mediodía. 3. De donde se desprende con toda evidencia que una mitad del orbe la ocupan dos partes –Europa y Africa–, mientras que la otra mitad la ocupa Asia sola. Pero aquellas dos primeras partes se han dividido así porque entre ambas, y procedente del océano, se interpone el Gran Mar, que las separa. Resumiendo: si el orbe se divide en dos mitades –oriente y occidente–, en una de ellas se encontraría Asia, y en la otra, Europa y Africa<sup>18</sup>.

Seguem-se três capítulos que descrevem cada uma das partes enunciadas: Ásia (cap.º 3), Europa (cap.º 4) e África (cap.º 5) – Líbia, no texto.

Esta será a imagem da Terra que encontraremos em enciclopédias, nos mapas e nos tratados geográficos durante a Idade Média. O desenho da *ækumene* é habitualmente designado por mapa em TO, isto é, um círculo redondo dividido em três partes por uma linha horizontal central e uma vertical na parte inferior, como se fora um T<sup>19</sup>. Na primeira destas partes, aquela que habitualmente encima as representações cartográficas medievais, depois do texto isidoriano, situa-se a Ásia<sup>20</sup>, onde, descrito por palavras ou representado por imagens, é comumente

<sup>17</sup> *Idem*, p. 165.

<sup>18</sup> *Idem*, p. 165 e 167.

<sup>19</sup> Vejam-se, a título exemplificativo, as imagens de *Mapas Antiguos del Mundo*. s.l.: Eagle Books España, 1994, p. 40 (*Etimologias*, 1472), p. 44 (Ebstorf, 1339), p. 45 (Hereford, c. 1290), p. 51 (Fr. Mauro, 1459), p. 62 (L. Brandis, 1475) e p. 63 (Hans Rüst, 1480).

<sup>20</sup> Não acontecia assim no texto ptolomaico, pois a descrição que este autor inclui no seu *Tetrabiblos* situa a Ásia da metade direita da circunferência terrestre: «Of the four quadrants of the earth, thus agreeing in number with the four triplicities, one is situated in the north-west of the entire earth, and contains Celto-galatia; or, as it is commonly called, Europe. Opposed to this quadrant lies that of the south-east, towards Eastern Æthiopia; it is called the southern part of Asia Magna. Another quadrant of the entire earth is in the north-east, about Scythia, and is called the northern part of Asia Magna. To this is opposed the quadrant of the south-west, which lies about Western Æthiopia, and is known by the general name of Libya.» in *Ptolomy's Tetrabiblos*. trad. de J. M. Asmand, Londres: Davis and Dickson, 1822, p. 63 (livro II, capítulo 3).



localizado o paraíso terrestre. Esta inscrição em mapas e textos irá desaparecer com os Descobrimentos. Eis como no-lo apresenta Isidoro de Sevilha:

El paraíso es un lugar situado en tierras orientales, cuya denominación, traducida del griego al latín, significa «jardín»; en lengua hebrea se denomina *Éden*, que en nuestro idioma quiere decir “delicias”. La combinación de ambos nombres nos da “El jardín de las delicias”. Allé, en efecto, abunda todo tipo de arboledas y de fructales, incluso el «árbol de la vida». No existe allí ni frío ni calor, sino una templanza constante. De su centro brota una fontana que riega todo el bosque, y se divide en cuatro ramales que dan lugar a cuatro ríos distintos. La entrada a este lugar se cerro después del pecado del hombre. Por doquier se encuentra rodeado de espadas llameantes, es decir, se halla ceñido de una muralla de furgo de tal magnitud, que ses llamas casi llegan al cielo. Un querubín, o sea el baluarte de los ángeles, se encuentra, llameante espada en su mano, para prohibir el paso a los espíritus malignos: las llamas alejan a los hombres, y los ángeles, a los ángeles malos, para que las puertas del paraíso estén cerradas a la carne y al espíritu que desobedeció<sup>21</sup>.

Sobre o paraíso terrestre muito se tem escrito. Importa salientar que o paraíso terrestre, ou o Éden, ganha contornos cartografados na Idade Média, mas advém, em boa parte, do texto bíblico do *Génesis* (2, 8-17), onde se diz:

Iahweh Deus plantou um jardim em Éden, no oriente, e aí colocou o homem que modelara. Iahweh Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. Um rio saía de Éden para regar o jardim e de lá se dividia formando quatro braços<sup>22</sup>.

Será proveitoso lembrar que Jean Delumeau apresenta um conjunto significativo de mapas e de textos, que incluem este lugar, na sua obra *Uma história do Paraíso*: ali faz uma visita cronológica a textos que, desde o século I d. C., fazem menção de tal local<sup>23</sup>. Quanto a enciclopedistas medievais refere Beda, o Venerável (*De Natura Rerum*, c. 730), Rábano Mauro (*De rerum naturis*, ou *De Universo*, c. 842), Honório d’Autun, ou seja, Honório Augustodunense (*Imago Mundi*, séc. XII), Gervásio de Tilbury (*Otia Imperialia*, c. 1210), o dominicano Vicente de Beauvais (*Speculum maius*, c. 1250), Bartolomeu, o Inglês (*De proprietatibus rerum*, c. 1235), Gauthier de Metz, ou seja, Gossouin de Metz (*L’Image du Monde*, 1245) e Brunetto Latini (*Li Livres dou Tresor*, ant. a 1266). Delumeau refere ainda outros autores e obras, como relatos de viagem, tratados morais e obras teológicas. Com maior ou menor detalhe, com ou sem ilustrações, as enciclopédias situam o paraíso a Oriente e, por este motivo, a região oriental ocupa o lugar cimeiro dos mapas.

<sup>21</sup> SEVILHA, Santo Isidoro de - *op. cit.*, p. 167.

<sup>22</sup> *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2003, p. 36.

<sup>23</sup> Ver em particular o capítulo terceiro: «O paraíso terrestre e a geografia medieval». in DELUMEAU, Jean - *Uma história do paraíso. O jardim das delícias*. Lisboa: Terramar, s/d [1994], p. 51-87. Veja-se, ainda, DEUS, Paulo Roberto S. de - «O paraíso na iconografia de mapas-múndi medievais - Ebstorf e Hereford». *História Revista*. 6/1 (jan.-jun. 2001), p. 173-203. [Consult. 31-12-2011]. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/historia/article/view/10574>



As ilhas é outro espaço a observar: as conhecidas Britania, Scotia, Sicília, Creta ou Taprobana não se estranham. Já Tule, Tánatos, ou as Hespérides, além das mencionadas acima (S. Brandão, Solstício, Gog e Magog), por vezes colocadas no círculo exterior das imagens, permitem outras expectativas ao leitor. No capítulo 6 do livro XIV (De insulis), Isidoro regista:

Las islas se denominan así (*insula*) porque están *in salo*, en el mar. Vamos a mencionar las más conocidas y de mayor extensión, de las que ya se ocuparon con atención muchos investigadores antiguos [...].

3. Tánatos es una isla del océano, en el estrecho gálico, separada de Britaniã por un pequeño estuario. Sus campos son ricos en trigo y su tierra es feraz. Se la denomina Tánatos por la muerte que provoca a las serpientes: no hay una sola serpiente, y adonde se lleve tierra de aquella isla al punto acaba con las serpientes que allí hubiere. 4. Thule es la última isla del océano, entre el norte y el occidente, más allá de Britania. Recibe su nombre del sol, porque en ella efectúa el sol el solsticio de verano, no existiendo día más allá de ella. A partir de allí el mar está inmóvil y helado. [...]

9. Las Gorgadas son islas del océano ubicadas frente al cabo que se denomina *Hesperion Ceras*. Las habitaron las gorgonas, que estaban dotadas de gran velocidad en la carrera y tenían el cuerpo hirsuto y áspero; de ellas tomaron su nombre las islas. Se encuentran a dos días de navegación del continente. 10. Las islas de las Hespérides se denominan así por la ciudad Hespéride que estuvo en los confines de Mauritania. Se hallan más allá de las Gorgadas, en el límite del Atlántico, hacia donde comienzan los abismos marinos. En sus jardines –según cuentan las leyendas– había un dragón que vigilaba las manzanas de oro. Se dice que allí se origina del mar un estuario tan anfractuoso por sus recortadas orillas, que quienes lo contemplan desde lejos creen ver las espirales de una serpiente<sup>24</sup>.

O século XII verá surgir um número significativo de textos latinos. Um deles é a *Imago Mundi* do autor citado em epígrafe ao capítulo. Escrita em latim, no início do século XII, a obra é composta por três livros «tratando cada um, respectivamente, do espaço, do tempo e da história», como diz o seu tradutor<sup>25</sup>. O primeiro livro desta enciclopédia começa com o capítulo denominado «A forma do mundo» seguido de «A criação do mundo». Só no décimo capítulo, dedicado à Índia, encontramos menção a Gog e Magog:

Dizem que entre este [mar Cáspio] e o mar foram encerrados por Alexandre Magno Gog e Magog, povos muito ferozes que se alimentam de carne humana ou de carne crua de animais<sup>26</sup>.

O autor dedica o capítulo 33 às ilhas, mas algumas das que nos interessam encontram-se em outros capítulos. Assim o capítulo 29 (A Bretanha) regista:

Frente à Hispânia, para ocidente, ficam no oceano as seguintes ilhas: a Bretanha Inglesa, a Irlanda, Tánatos, cuja terra transportada para qualquer parte mata as

<sup>24</sup> SEVILHA, Santo Isidoro de - *op. cit.*, p. 193 e 195.

<sup>25</sup> BARBOSA, Manuel - «Estudo introdutório». in AUGUSTODUNENSE, Honório - *op.cit.*, p. 27.

<sup>26</sup> AUGUSTODUNENSE, Honório - *Imagem do Mundo. ed. cit.*, p. 105.





serpentes, as ilhas onde tem lugar o solstício, as trinta e três Órcades, a Escócia, Tule (cujas árvores nunca perdem as folhas e onde, há que acentuá-lo, ocorre um dia contínuo de seis meses de verão e uma noite contínua de seis meses de inverno). Para lá desta, para o norte, existe o mar congelado e o frio perpétuo<sup>27</sup>.

E é no capítulo 35, dedicado à Sardenha, que voltamos a encontrar matéria de relevo para a nossa leitura:

As ilhas Górgones ficam no oceano, perto do Atlas. Habitaram aí, outrora, as Górgones. Perto delas estão as Hespérides que tomam o nome da cidade de Hespéride. Abundavam nelas as ovelhas de velo branco que tinham muita importância para serem tingidas de púrpura. Daí que se diga falsamente que elas tinham maçãs douradas, pois *malon* quer dizer «ovelha». Para além destas existiu aquela grande ilha que, como escreve Platão, foi submersa com a sua população, e que excedia a África e a Europa em grandeza, onde agora se situa o Mar Concreto<sup>28</sup>.

Encontramos portanto aqui algumas diferenças relativamente ao texto isidoriano.

Mas vejamos ainda outro testemunho. Gossouin de Metz, autor francês do século XIII, na segunda parte da sua *Image du Monde* (1245), primeira enciclopédia francesa em língua neo-latina, escreve um capítulo intitulado «Des illes et de lor choses». Aí menciona várias ilhas que aqui salientamos:

Ali há uma ilha tão grande,  
Tal como diz Platão,  
Que foi sábio de elevado valor,  
Que teve mais jardins  
Que toda a Europa e África,  
Mas depois foi completamente destruída,  
Tal como Deus quis, que a afundou,  
E ali a lançou no mar.  
Existe uma outra que não podemos  
Ver, quando lá queremos ir.  
Mas é vista, algumas vezes,  
Por isso se chama Ilha Perdida.  
Esta ilha encontrou S. Brandão,  
Que nela viu muitas maravilhas,  
Tal como o revela a sua vida.  
Quem o queira saber que a leia<sup>29</sup>.

E adiante, no capítulo «Des diversiteis qui sont en Europe et Afrique»:

Na Irlanda há uma grande ilha [...]  
Além destas há outra de nome Tule.

<sup>27</sup> *Idem*, p. 116.

<sup>28</sup> *Idem*, p. 120.

<sup>29</sup> METZ, Gossouin de - *Imagem do Mundo. 1245*. edição, apresentação e tradução de M. S. Alpalhão, Lisboa: IEM, 2010, p. 217.



As árvores que existem nesta ilha  
Mantêm as folhas sempre verdes  
De Verão e de Inverno.  
Naquela parte só há um dia no ano,  
A noite dura meio ano:  
Seis meses inteiros sempre escura.  
Depois vem o dia que dura seis meses<sup>30</sup>.

Também em língua francesa, *Li Livres dou Tresors*, de que se falou antes, apresenta um conjunto de ilhas, desta feita integradas na descrição da *ækumene*. É no capítulo 121, significativamente intitulado «Ci commence mapamunde», que o autor demarca as três partes habitadas, começando pela Ásia «ki est la premiere et la grignor»<sup>31</sup>. Aí regista:

Par enki se torne la mer de Scite et de Caspe en occheaine, et au commencement sont les tres grans nois et profondes. Après i est la grant deserte. Après i sont Antropofagi, une gent mout aspres et mout fieres<sup>32</sup>.

Descrevendo a Europa, regista:

Après cest terre [França] comence li país d'Espaigne, ki dure [...] jusc'a la mer occheaine [...]. 23. Iki est la fins de la terre, selonc ce que les ancienes gens proverent; et meismement le tesmoignent li tertre de Calpe et de Almina (ou Hercules ficha ses colombes quant il venchi tote la terre), ou leu ou la nostre mer ist de la mer occheaines, et s'en vient parmi ces .ii. mons (ou sont les illes Gades et les colombes Hercules) [...]. 26 Ces et maintes autres terres et illes sont outre Bretagne et outre la mer de Norvee; mais l'ille de Tille est la derraine, ki est si durement el parfонт de septentrion que en esté quant le soleil entre le signal de cancre, as tres grans jors, la nuis i est si tres petite k'ele samble autresi come nient; et en yver quant le soleil entre en Capricorne a la tres grant nuit, li jors i est si tres petit k'il n'a nule espasse entre la levee et la couchee dou soleil. Et outre Tilen est la mer congelee et tenans<sup>33</sup>.

Outros textos enciclopédicos, como *Le Livre de Sydrac*, diálogo do século XIII, também em francês, entre o filósofo e o rei Boctus, embora apresente o mundo de acordo com a imagem tripartida dos mapas em TO, não contém menções relevantes para a leitura em curso. O mesmo acontece com *Placides et Timéo*, um texto do final do século em análise. O diálogo entre mestre e aprendiz, ao sabor platónico, aborda Deus, a criação, o homem, a reprodução humana, a meteorologia e a história. Embora retomem ambos algumas imagens já encontradas não incluem menções a registar nesta análise.

<sup>30</sup> *Idem*, p. 221.

<sup>31</sup> LATINI, Brunetto - *Li Livres du Tresor*. ed. de Francis J. Carmody, Berkeley: University of California Press, 1948, p. 109.

<sup>32</sup> *Idem*, p. 112.

<sup>33</sup> *Idem*, p. 118-119.



Importa aqui mencionar que os mapas medievais reproduzem a imagem do mundo que se acaba de mencionar<sup>34</sup>. Refira-se, além dos mapas de Hereford (c. 1290) e Ebstorf (1339), um mapa concebido em 1459, que continua esta visão. Refiro-me ao mapa-mundo de Fra Mauro, cartógrafo veneziano que terá trabalhado para D. Afonso V<sup>35</sup>.

Os espaços reais e imaginários convivem harmoniosamente, alimentados por fontes antigas ou por mitos. A tentativa de descrever e circunscrever o espaço, aliada à etimologia e à simbólica, frequentes no pensamento medieval, permitem equacionar a hipótese de que o homem medieval<sup>36</sup> vê um mundo modelado e moldado pela teologia católica, bastante diferente daquele que hoje conhecemos, que uns terão sentido aconchegante, protector e promissor, mas que outros terão sentido inóspito e ameaçador.

A par de uma geografia que se queria precisa, ou tão precisa quanto as *auctoritates* o permitiam, encontram-se espaços que o imaginário da época coloca no mapa, mas que as descobertas marítimas acabarão por retirar dos documentos. Será longo este percurso, pois tanto algumas ilhas mencionadas como o paraíso terrestre persistirão ainda em documentos do século XVI. Não obstante, pode considerar-se hoje que esta exclusão do espaço maravilhoso, do pergaminho, do papel ou da tela, foi acompanhada pela inclusão (nos mesmos suportes) do espaço utópico. Não há, na essência, uma mudança de atitude, ousar dizer, mas há uma mudança de ponto de vista, uma mudança de sistema. Do espaço que se acredita existir, passa-se para o espaço que se sabe não existir no mundo sensível, mas que se deseja e que existe no espaço cerebral (além da existência no suporte físico que o veicula).

É assim que, por um lado, usando novas técnicas e observações e, por outro, recuperando alguns mitos, o século XVI inicia um percurso que veio a permitir falar-se hoje, por um lado, em cartografia digital e, por outro, em mapas literários ou em ilhas imaginárias: sabe-se que é possível ver, com pouco desfasamento temporal e com enorme grau de precisão, boa parte da superfície terrestre; sabe-se ainda que alguns espaços não têm existência no mundo sensível e material, mas desenham-se e escrevem-se para melhor dar forma ao mundo que se imagina. É de uma nova imagem do mundo que em seguida se fala. É a origem deste ponto de vista que se apresenta em seguida.

<sup>34</sup> Será proveitoso ler o informado artigo de LECOQ, Danielle - «L'Image de la terre à travers les mappemondes des XII<sup>e</sup> et XIII<sup>e</sup> siècles». in RIBÉMONT, Bernard (dir.), *Terres Médiévales*. s.l. [Paris]: Editions Klincksieck, 1993, p. 203-236.

<sup>35</sup> Não se insere aqui qualquer imagem pois qualquer destes mapas é facilmente consultável em variadíssimas páginas existentes em linha.

<sup>36</sup> Veja-se, para diferentes aproximações ao olhar medieval, LE GOFF, Jacques (dir.) - *L'homme médiéval*. Paris: Éditions du Seuil, 1989 (col. Points Histoire).



## As utopias quinhentistas

Embora o termo utopia seja cunhado no século XVI, as utopias quinhentistas são, em graus variados, tributárias da obra de Platão (428/7-348/7 a.C.). Pode considerar-se que o paraíso terrestre foi a grande utopia medieval. As utopias de quinhentos não deixarão, no entanto, de se constituir em mote, glosado até aos nossos dias, dando inclusive lugar às contra-utopias, ou distopias, do passado século XX, com Ievgueni Zamiatine, Aldous Huxley e George Orwell<sup>37</sup>.

Apesar de a obra de maturidade de Platão, *A República*, ser considerada como uma utopia etiológica, é *Timeu*, obra continuada por *Crítias*, que é apontada como a sua obra capital deste ponto de vista. Aqui se encontra aquela que é, efectivamente, a primeira utopia no sentido que Thomas More atribuirá ao vocábulo, um *não-lugar*: a Atlântida. E o tributo das utopias do século XVI, e de várias do século XVII, ao passado não se circunscreve ao conteúdo: a forma adoptada pelos autores do século em análise é também o diálogo. Não exactamente um diálogo filosófico, como o antigo, mas mais um diálogo didáctico e, por vezes, assumidamente demonstrativo.

Inspirada pela utopia de Platão, vamos encontrar, no século XVI, a conhecida obra de Thomas More (1478-1535): *De Optimo Reipublicae Statu deque Nova Insula Utopia*, (Lovaina, 1516). Apresentada como «relato», em carta dirigida a Pedro Egídio, editor, ali diz o autor sobre o texto: «se fosse necessário inventar o que vem a seguir, ou dar-lhe uma forma, um homem, mesmo inteligente, mesmo instruído, teria necessidade de tempo e estudo»<sup>38</sup>. Remete-nos More, desta forma, desde logo, para uma constante da literatura quinhentista: a do autor factício. Vários são os géneros que o cultivaram (veja-se o caso dos livros de cavalarias, por exemplo). Na realidade, a descrição da ilha de Utopia é feita por Rafael Hitlodeu, português que viajara pelo mundo, em casa de Thomas More, que se encontra de visita a Antuérpia, na presença de Pedro Gilles (ou Egídio). Aquela descrição nasce entre vários relatos que More ouviu do navegador português e os quais remete para outro «livro» e «outra obra»<sup>39</sup>. Para caucionar a defesa que faz da sociedade utópica, afirma o narrador:

A simples imaginação não concebe de modo nenhum uma tal república, ou só forma dela uma ideia falsa. Se tivésseis estado na Utopia, se tivésseis observado as suas instituições e os seus costumes, como eu ali passei cinco anos da minha vida, e só pude decidir-me a sair de lá para revelar esse novo mundo ao antigo, confessaríeis que em nenhuma outra parte existe sociedade perfeitamente organizada<sup>40</sup>.

<sup>37</sup> ZAMIATINE, Ievgueni - *Nous Autres*. Paris: Gallimard, 1971; HUXLEY, Aldous - *Admirável Mundo Novo*. Lisboa: Livros do Brasil, 2007; ORWELL, George - *1984*. Lisboa: Antígona, 2007. A obra do autor russo (1884-1937) foi escrita em 1920, mas publicada em 1924, em inglês; Huxley (1894-1963) publicou pela primeira vez a obra, inglesa, em 1932; Orwell, pseudónimo de Eric Blair (1903-1950), publica a primeira edição inglesa em 1949.

<sup>38</sup> MORE, Tomás - *A Utopia*. Lisboa: Guimarães Editores, 1985, s. p. [8].

<sup>39</sup> *Idem*, p. 30.

<sup>40</sup> *Idem*, p. 72.



Fundador de um género que alia viagem imaginária e viagem de descoberta, misto de crítica e ironia social, More analisa os males da Europa, as ideologias, *desenhando* o estado ideal. Veja-se esse espaço físico, que detalha no livro dois da obra:

A ilha da Utopia tem dois mil passos na sua maior largura, ficando esta situada na parte média da ilha. Essa largura diminui gradual e simetricamente do centro para as duas extremidades, de maneira que toda a ilha forma como que um semicírculo de quinhentas milhas de circunferência e apresenta a forma de um crescente cujas pontas estão afastadas cerca de onze mil.

O mar enche toda essa imensa reentrância; as terras adjacentes que se desenvolvem em anfiteatro quebram o furor dos ventos, mantendo o mar sempre calmo e dando àquela grande massa de água a aparência de um lago tranquilo. A parte côncava da ilha constitui como que um único e vasto porto acessível por todos os lados à navegação [...].

Na parte oposta da ilha, encontram-se portos frequentes, e a arte e a natureza tornaram-na de tal modo inacessível, que um punhado de homens poderia impedir o desembarque do maior exército.

A acreditar em velhas tradições, aliás plenamente confirmadas pela configuração do território, nem sempre a Utopia foi uma ilha. Chamava-se outrora Abraxa e estava ligada ao continente; Utopos apoderou-se dela e deu-lhe o seu nome [...].

A ilha da Utopia contém cinquenta e quatro cidades amplas e magníficas. A língua, as instituições e as leis são perfeitamente idênticas em todas. As cinquenta e quatro cidades acham-se construídas segundo o mesmo plano e possuem os mesmos estabelecimentos, os mesmos edifícios públicos, modificados segundo as exigências da situação. A mais curta distância entre essas cidades é de vinte e quatro milhas, e a mais longa percorre-se num dia, a pé [...].

Quem conhece uma cidade conhece-as todas, porque todas são, como já disse, exactamente semelhantes, tanto quanto o permite a natureza e configuração do solo. Poderia, portanto, descrever-vos indiferentemente uma qualquer, mas escolherei de preferência a, cidade de Amaurota porque é a sede do governo e do senado, o que lhe confere proeminência sobre as outras todas. Além disso é essa a que melhor conheço, visto que habitei nela cinco anos seguidos.

Amaurota está edificada numa suave colina e tem a forma quase quadrangular. Começa pouco acima do cume da colina e prolonga-se por cerca de dois mil passos nas margens do Rio Anidro, aumentando à medida que se costeia o rio.

A nascente do Anidro é pouco abundante; situa-se oitenta milhas acima de Amaurota. Esta fraca corrente vai engrossando com alguns pequenos rios, entre os quais dois de tamanho médio. Ao chegar em frente de Amaurota, o Anidro mede quinhentos passos de largura e a partir daí vai alargando sempre, e desagua no oceano depois de um percurso de sessenta milhas<sup>41</sup>.

Depois da descrição das cidades, encontram-se capítulos dedicados aos magistrados, às artes e ofícios, às «relações mútuas entre cidadãos», às viagens,

<sup>41</sup> *Idem*, p. 75-81.



aos escravos, à guerra e às religiões, num *desenho* completo da cidade e da sociedade ideais.

Trata-se, como se depreende dos assuntos, de uma imagem do mundo, ainda que este mundo se situe num não-lugar (u-topos), ou talvez por isso mesmo, pois, como escreve Paul Ricoeur, «si l'idéologie preserve et conserve la réalité, l'utopie la met essentiellement en question»<sup>42</sup>. Amaurota, um não-espaço, permite questionar o espaço real, a própria sociedade e o próprio poder, apontando uma demanda de valores universais.

Ainda no século em apreço, Francesco Patrizi (1529-1597), em *La Città felice* (Veneza, 1553), obra de estrutura bem diversa da anterior, não deixa de salientar também o lugar ideal para a construção da cidade:

Ed acciocché tutta la città possa havere questa commodità, sia in parte edificata sopra colle rilevato, perché sia più esposto all'aure, ed, per non aspettare nel medesimo luogo il freddo della vernata che in tai luoghi suole essere più fiero, sia ancora in parte posta nel piano, dove la freddura non può avere così gran forza; ed uno cotal sito non solamente serve alla detta commodità, ma e alla vaghezza della veduta, e alla fortezza ancora della città; e per questo si loda a' tempi nostri Verona ed a' passati Atene<sup>43</sup>.

Socorrendo-se de uma estrutura diferente, também Anton Francesco Doni (1513-1574) publica o diálogo *Mondo savio e pazzo* (1552), no qual um Sábio conta um sonho a um Louco, sonho esse em que visita um país extraordinário. Na realidade, o sumário da obra refere que ambos «formano vn Nuouo Mondo, fabrica, habito, legge, gouerno, et vita»<sup>44</sup>. Este espaço começa por uma cidade que tem origem no desenho de um círculo e de uma igreja no centro<sup>45</sup>. O acto de desenhar aparecerá a acompanhar o texto, no fólho 94. A tradução francesa da obra de Doni, *Les mondes célestes*, de Gabriel Chappuis (Lyon, 1578) apresenta mesmo um desenho com uma cidade redonda.

Poder-se-iam, ainda referir outros três textos<sup>46</sup> até chegar a Ludovico Agostino e *La Repubblica Immaginaria* (Turim, L. Firpo, 1580). A Itália foi particularmente prolixa no que à utopia diz respeito, embora França e Espanha também tenham alguns representantes do género.

O acto de desenhar, de construir, não é alheio aos aspectos do fundador ou do arquitecto e sublinha aquilo que Jean-Jacques Wunenburger considera ser a utopia

<sup>42</sup> RICOEUR, Paul - «L'idéologie et l'utopie: deux expressions de l'imaginaire social». *Autres Temps. Les cahiers du Christianisme Social*. 2 (1984), p. 61.

<sup>43</sup> PATRITIO, Francesco - *La Città felice...* Veneza: G. Griffio, 1553, s. p. [7-8].

<sup>44</sup> DONI, A. F - *I Mondi del Doni*. Veneza: Francesco Marcoline, 1552, s.p. [255].

<sup>45</sup> PIEJUS, Marie-Françoise - «Torner rond et filer droit: l'urbanisme utopique d'Anton Francesco Doni (1552-1553)». in COVO, J. (ed.) - *Historia, Espacio, Imaginario*. Lille: Presses Universitaires du Septentrion, p. 108.

<sup>46</sup> ROSEO, Mambrino - *Elogio dei Garamanti*. 1543; FOGLIETTA, Uberto - *Della repubblica di Genova*. 1559 e BUONAMICO, Matteo - *La isola di Narsida*. 1572.



enquanto género, porquanto «il se développe sur le mode descriptif, dessinant des maquettes, enumerant des moeurs et des lois»<sup>47</sup>.

Enquanto na Literatura surgem os textos utópicos, a Cartografia procura desenhar com exactidão o *globus terrarum* através das Descobertas. Vão desaparecendo dos mapas os espaços maravilhosos, mas não deixa de ser significativo que Cristóvão Colombo, na sua terceira viagem (1498), ainda mencione o paraíso terrestre:

Yo no tomo quel paraíso terrenal sea en forma de montaña áspera como el escribir dello nos amuestra, salvo quel sea en el colmo allí donde dije la figura del pezón de la pera, y que poco a poco andando hácia allí desde muy lejos se va subiendo á él; y creo que nadie no podría llegar al colmo como yo dije, y creo que pueda salir de allí esa agua, bien que sea lejos y venga á parar allí donde yo vengo, y faga este lago. Grandes indicios son estos del paraíso terrenal, porque sitio es conforme á la opinión de estos santos é sanos teólogos, y asimismo las señales son muy conformes, que yo jamás leí ni oí que tanta cantidad de agua dulce fuese así adentro é vecina con la salada; y en ello ayuda asimismo a la suavíssima temperancia, y se de allí del paraíso no sale, parece aun mayor maravilla (...).

Torno á mi propósito de la tierra de Gracia y rio y lago que allí fallé, atan grande que mas se le puede llamar mar que lago, porque *lago* es lugar de agua, y en seyendo grande se dice *mar*, como se dijo á la mar de Galilea y al mar Muerto, y digo que sino procede del Paraíso terrenal que viene este rio y procede de tierra infinita, pues al Austro, de la cual fasta agora no se ha habido noticia, mas yo muy asentado tengo en el anima que allí donde dije es el Paraiso terrenal y descanso sobre las razones y autoridades sobreescritas<sup>48</sup>.

Aparecem, por outro lado, os primeiros mapas com o Novo Mundo. Alguns destes mapas e portulanos foram entretanto (re)descobertos e têm sido objecto de estudo, intensificado no final do século XX. De entre muitos que poderíamos mencionar, registemos os seguintes:

a) *Mapa de Juan de la Cosa*, 1500, (1460-1510), o primeiro a registar a costa americana;

b) *Planisfério de Cantino*, 1502, cuja redescoberta (em 1859), em Modena, Itália, constitui uma verdadeira odisséia;

c) *Mapa de Piri Reis*, 1513, (Hadji Muhammad 1470?-1556), cujo *Livro do Mar* (1521) inclui um mapa-mundo.

Começam também a surgir obras que pretendem compilar a informação sobre o «novo mundo», geralmente não já como mapas, mas como atlas. Salientemos dois:

<sup>47</sup> WUNENBURGER, J.-J. - «Regard et transparence: utopie et philosophie». *Quaderni*. 40 (hiver 1999-2000), p. 145.

<sup>48</sup> COLOMBO, C. - «Tercer viaje de Cristobal Colon» in NAVARRETE, Martin F. (Coord.) - *Coleccion de los Viajes y Descubrimientos que hicieron por mar los españoles. Viajes de Colon: Almirantazgo de Castilla*. Madrid: Imprenta Nacional, 1858, p. 408, 410.



I) *Atlas Universal* (1565), de Diogo Homem (1521?-1576), cuja obra configura o *desenho* da Terra, quase como o conhecemos hoje.

II) *Atlas Universal* (1571), de Fernão Vaz Dourado (1520?-1580?), conjunto de 17 cartas<sup>49</sup>.

E se o início do século XVI vê surgir, a par dos diários de viagem, um conjunto de textos apelidados livros de marinharia, guias náuticos, ou roteiros, que revelam uma «outra» imagem do mundo, o final do século XVI conta com obras de referência que concretizam e compilam muita da informação recolhida. Duas obras podem ser vistas como uma enciclopédia geográfica, mesmo não o sendo:

i) *Theatrum Orbis Terrarum*, de Abraham Ortelius, Antuérpia, 1570; e

ii) *Civitates Orbis Terrarum*, 6 vols., de Georg Braun e Franz Hogenberg, Colónia, 1572-1617.

É no contexto destes novos olhares que, em Quinhentos, perante incertezas e inseguranças, descobertas e confirmações, e apesar da Igreja Romana e da sua Inquisição, se opera uma mudança olhar, de imagem e de sistema. As Descobertas não se resumem à Geografia. A Cosmografia, a Medicina encetam percursos de autonomização que concorrem para que o Homem, o humanista, passe a inscrever o espaço também numa «outra» dimensão. O que não tem existência no mundo concreto não tem que deixar de existir (e a Igreja Católica assenta muita da sua prática neste pressuposto); o que não tem existência no mundo concreto pode passar a enformar o mundo imaginário, mas não necessariamente religioso. O mar (o Atlântico primeiro, o Índico e o Pacífico depois) deixa de representar o abismo e de ser habitado por monstros, para passar a representar uma via: uma via para outra terra, para a fortuna, para a diferença, para a utopia. Não raro em forma de diálogo (género muito cultivado em quinhentos), à moda de Platão, as utopias permitem ao Homem manter a possibilidade de espaços ordenados, geográfica e, principalmente, social e culturalmente. Este será, porventura, um factor de estabilidade num mundo em mutação.

Enquanto se cartografava o espaço terrestre, o olhar dedicado ao céu também muda e o lugar da Terra no cosmos vai alterar-se. Como já referido, a revolução cosmológica foi protagonizada por Nicolau Copérnico (1473-1543)<sup>50</sup>, apoiada e complementada por Giordano Bruno (1548-1600)<sup>51</sup>, desenvolvida por Galileu Galilei

<sup>49</sup> Veja-se nota 34.

<sup>50</sup> COPÉRNICO, N. - *De Revolutionibus Orbium Coelestium*. Nuremberga: Officina Henricpetrina, 1543.

<sup>51</sup> BRUNO, Giordano - *De l'infinito vniuerso et Mondi*. Veneza, 1584. Cf. *Acerca do Infinito, do Universo e dos Mundos*. Trad. port. de A. Montenegro, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1984 (3.ª ed.).





(1564-1642)<sup>52</sup> e Johannes Kepler (1571-1630)<sup>53</sup>. A teoria heliocêntrica do primeiro autor acaba por substituir a concepção ptolomaica do mundo, que vigorara como certa ao longo de mais de mil e quinhentos anos.

A criação da utopia, enquanto género, representa ainda o início de uma longa caminhada que culminará, quase dois séculos depois, após a Revolução Francesa, com a «Déclaration des droits de l'homme et du citoyen», decretada pela Assembleia Nacional Francesa (sessões de 20 a 26 de Agosto de 1789) e aceite pelo Rei<sup>54</sup>. Não obstante, as utopias continuam a existir muito para além do século das Luzes.

### Outras reescritas da imagem do mundo

A imagem do mundo que o contínuo histórico nos legou – tanto da Idade Média como do século XVI e de outras épocas mais recentes – não nos chegou apenas através de textos enciclopédicos ou utópicos. Encontram-se outros testemunhos que justificam uma referência em separado.

Os relatos de viagens medievais dão-nos, também, uma imagem do mundo, primeiro em latim — como é o caso dos textos latinos *Egéria*, *Navigatio Brandani* de Benedeit ou a *Narração de Trezenzónio sobre a grande ilha do solstício* —, depois em línguas românicas — nas quais encontramos não apenas o conhecido *Livro de Marco Polo*, mas também *El Libro del conocimiento de todos los reinos*, o *Livro das Maravilhas do Mundo*, de Jehan de Mandeville, ou ainda, o *Livro de Arautos*<sup>55</sup>, pois importa ao nosso propósito, neste capítulo, qualquer documento que apresente uma imagem do mundo.

Retomando a visita aos textos, devemos mencionar desde já, sublinhando não se tratar de uma enciclopédia, a *Descriptio Mappe Mundi*, de Hugues de S. Victor (m. 1141), verdadeiro pedagogo agostiniano, nomeadamente pela quantidade de obras suas, didácticas, que chegaram até nós, das quais se destaca *L'Art de Lire. Didascalion*. A *Descriptio* corresponde a um texto do século XII que descreve um mapa do século V ou VI e que terá sido produzido, e usado, com intuito didáctico. O objectivo do pedagogo encontra-se inscrito no prólogo:

<sup>52</sup> GALILEI, Galileu - *Sidereus Nuncius*. Veneza: Thomam Baglionum, 1610. Cf. *Sidereus Nuncius: o mensageiro das estrelas*, trad. port. de H. Leitão, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

<sup>53</sup> KEPLER, J. - *Astronomia Nova*. Heidelberg, 1609; *Harmonices Mundi*. Linz, 1615 e *Epitome Astronomiae Copernicanae*. Frankfurt, 1617-1621, 3 vols..

<sup>54</sup> BNF, *Utopia. Exposição*. s.n.t. [Consult. 5-8-2011] Disponível em: <http://expositions.bnf.fr/utopie/enimages/portugais/salle3/index.htm>

<sup>55</sup> Sobre as vertentes pertinentes deste texto, neste contexto, veja o interessante artigo de GODINHO, Helder - «La description de l'Europe dans le *Livro de Arautos*». in RIBÉMONT, Bernard (dir.) - *Terres Médiévales*. s.l. [Paris]: Editions Klincksieck, 1993, p. 119-128.



Sapientes uiri, tam seculari quam ecclesiastica litteratura edocti, in tabula uel pelle solent orbem terrarum depingere (...). Nos autem non depingere, sed describere mappam mundi proponimus in hoc opera, id est non res nec rerum imagines, sed potius significationes<sup>56</sup>.

O sumário de capítulos é também eloquente sobre o olhar do autor:

- Incipiunt capitula in mappa mundi.
- I. De .xii. uentis.
- II. De insulis oceani maris.
- III. De insulis Tyrreni maris.
- IV. De insulis Adriatici maris.
- V. De ciuitatibus maiorum insularum.
- VI. De insulis Rubri maris.
- VII. De fluminibus Asye.
- VIII. De montibus Asie.
- IX. De regionibus et gentibus Asye ad austrum.
- X. De prouinciis et ciuitatibus Asie ad aquilonem.
- XI. De prouinciis Asie minoris.
- XII. De prouinciis et ciuitatibus Asie maioris ad septentrionem.
- XIII. De nominibus et diuersitatibus maris.
- XIV. De parte mundi que dicitur Africa.
- XV. De monstris Ethiopie.
- XVI. De regionibus Egypti.
- XVII. De Libia et gentibus illius partis.
- XVIII. De Africa secus Hispaniam sita.
- XIX. De Europa que est tertia pars orbis.
- XX. De prouinciis et ciuitatibus Italie et Grecie.
- XXI. De cisalpina parte Europe.
- XXII. De Gallicanis prouinciis et ciuitatibus.
- XXIII. De Hispanie prouinciis.
- XXIV. Item situs Italie.
- XXV. Item situs Gallie.
- XXVI. De situ maioris Britannie.
- XXVII. De situ Hibernie.
- XXVIII. De situ quarumdam insularum.<sup>57</sup>

Salientamos, aqui, os verbos *depingere* (pintar) e *describere* (descrever), porquanto recobrem, na intenção do autor, duas realidades distintas: a imagem por oposição ao verbo; a coisa por oposição ao significado. Além do que, repetindo a imagem do mundo medieval que vimos apresentando, os capítulos mencionam, em particular, os espaços por excelência da utopia: ilhas e montanhas.

<sup>56</sup> *Os homens sábios, ensinados tanto pela literatura secular quanto eclesiástica, costumam pintar o orbe terrestre em madeira ou pele (...). Por outro lado propomo-nos não pintar, mas descrever o mapa do mundo nesta obra, isto é, não coisas nem imagens de coisas, mas antes significados.* in DALCHÉ, Patrick Gautier (ed.), *La «Descriptio Mappe Mundi» de Hugues de Saint-Victor*. Paris, Études Augustiniennes, 1988, p. 133. Tradução nossa.

<sup>57</sup> *Idem*, p. 133-134.



Livros de Marinharia<sup>58</sup>, guias náuticos, roteiros, diários, ou mapas e portulanos, principalmente do início do século XVI, revelam uma «outra» imagem do mundo. Imagem outra e bastante diferente daquela que se encontra nos textos enciclopédicos medievais. Trata-se, nestes textos e imagens, não já de recolher informação junto de autores antigos, mas de recolher resultados da actividade de cartógrafos, pilotos, marinheiros, mercadores, viajantes, etc., que registam a sua prática diária e a experiência decorrente da sua vivência. Estamos, portanto, perante o registo de um saber resultante da experiência e da observação.

Outras obras retomarão outras imagens do mundo, desde o corte cronológico privilegiado acima até ao presente. Pretendo aqui destacar apenas três exemplos marcantes que, no campo da ficção literária, ao longo de tempos mais recentes, nos revelam cartografias imaginárias, ou mundos utópicos, como é o caso de *L'Autre Monde*, de Cyrano de Bergerac (1619-1655), obra em duas partes (*Les Etats et Empires de la Lune / Les Etats et Empires du Soleil*) em que o narrador, numa viagem à Lua, encontra o paraíso terrestre; *Gulliver's Travels* de Jonathan Swift (1667-1745) onde entre reinos de gigantes e anões, o narrador conhece também uma ilha voadora e *Voyage au centre de la Terre* e *De la Terre à la Lune* de Jules Verne (1828-1905)<sup>59</sup>.

Conhecido o globo terrestre, por entre relatos, desenhos e ficções, com o passar do tempo, o sujeito de cada enunciado, textual ou icónico, tende, segundo as obras mencionadas antes, a abandonar a superfície terrestre e a buscar o espaço antes reservado às estrelas e aos deuses ou a Deus. E esta mudança de ponto de observação, ainda que primeiramente imaginária e ficcionada, levou a que o Homem pudesse passar à descoberta do espaço celeste, sobre o qual obteve, entretanto, mediante novos meios, novas informações. À Geografia restam, agora, múltiplos meios de medir e apresentar cientificamente a superfície terrestre. A Literatura, a par de outras artes, ganhou todo o espaço (terrestre e celeste) e todo o tempo (presente, passado ou futuro) além de uma outra dimensão que não implica esses vectores, mas tão só o Imaginário, no qual se incluem as utopias.

Podemos, portanto, para terminar, convocar vários exemplos textuais contemporâneos<sup>60</sup>. Fiquemo-nos por dois. O primeiro, a obra de James Cowan, *A Mapmaker's Dream. The meditations of Fra Mauro, Cartographer to the court of*

<sup>58</sup> Ver, por exemplo, o *Livro de Marinharia* atribuído a João LISBOA (c. 1560), in *Registos do Céu. Astronomia em Manuscritos da Torre do Tombo*. DVD da Exposição, Lisboa: Triplinfinito, 2009 ou ALBUQUERQUE, Luís de - «Livro de Marinharia de Pedro Vaz Frago» in *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa. Classe de Ciências*, tomo XX (1977), p. 265-300. Nas duas primeiras páginas do estudo introdutório, Albuquerque distingue os quatro tipos de texto mencionados: guia náutico, roteiro, diário e livro de marinharia, indicando que este inclui dados dos três anteriores.

<sup>59</sup> Um conjunto significativo de textos de natureza semelhante pode encontrar-se no volume SAMOTRACE, L. de et al. - , *Voyages aux Pays de Nulle Part*. Paris: Robert Laffont, 1990.

<sup>60</sup> Poderia referir muitas outras, que contribuem para uma imagem contemporânea do mundo antigo, medieval ou moderno, como, por exemplo, D'ORMESSON, Jean - *A Criação do Mundo*. Lisboa: Quetzal, 2007 [2006]; VINDT, Gérard - *Le Planisphère d'Alberto Cantino. Lisbonne 1502*. Paris: Éditions Autrement, 1998; CANAIS, Pedro - *A Lenda de Martim Regos*. Lisboa: Oficina do Livro, 2004.



Venice (de 1996)<sup>61</sup>. Não se trata, desta feita, de descrever um mapa, mas de revelar o método da sua construção, através de uma ficção. Vejamos um excerto:

Para traçar um mapa exacto do mundo, devo aprender a olhar o problema de outra perspectiva. Em vez de tentar definir cada continente de uma forma que fixe a realidade e em que todos concordem com a minha interpretação, preciso de ser mais cauteloso nas minhas asserções [...].

Talvez me tenha precipitado em achar que o problema da informação deriva do que encontramos através dos nossos sentidos. Contribuí, inadvertidamente, para a criação da minha própria ilusão. Acreditava que os pensamentos e as impressões de todos os meus visitantes eram provenientes da observação de uma realidade, sempre palpável, quando na verdade os seus comentários tinham, obviamente, passado pelo filtro da sua própria sensibilidade.

Acredito realmente que o meu mapa é uma distorção. Todas as representações de terras e oceanos são apenas a manifestação do que captei das percepções dos meus visitantes. *Agora percebo que o mundo só é real no modo como cada um imprime nele a sua própria sensibilidade. Mais importante ainda, esta sensibilidade resulta da crença de que o mundo é um todo mensurável, em vez de uma coisa que se estende para além do tempo e do espaço*<sup>62</sup>.

Atentemos, neste caso, nas expressões «mapa exacto do mundo» e «o meu mapa é uma distorção», visto que a primeira fixa «a realidade», aponta para o que é observado, e a segunda reflecte o olhar de cada um, num dado momento e num dado espaço. Por isto, consideramos como chave de leitura da obra as duas frases em itálico. É o que nos diz também, de outro modo, Gilles Tiberghien: «imaginer, c'est déplier le possible à partir du réel»<sup>63</sup>. A obra onde o escreve é, de resto, uma leitura magistral da actividade cartográfica ao longo dos tempos e mostra como as artes se tornam palco principal da imagem do mundo que escapa à Geografia, podendo a própria Cartografia tornar-se objecto de uma dada imagem do mundo, não representável, mas sensível. Assim se compreende que, a partir de uma música de K. Weill, Roger Fernay tenha podido (d)escrever essa terra «où l'on quitte tous les soucis»: Youkali. É ainda uma imagem do mundo desta natureza que Michel Houellebecq explora na sua obra *La carte et le territoire*, designadamente quando as fotografias de mapas Michelin feitas pelo protagonista da sua narrativa, Jed Martin, são expostas num evento intitulado «LA CARTE EST PLUS INTÉRESSANTE QUE LE TERRITOIRE»<sup>64</sup>. Reencontramos, portanto, uma dicotomia introduzida por Hugues de S. Vitor: a coisa e a sua imagem.

## Conclusão

O percurso aqui realizado procura motivos e tenta explicar como o espaço e o tempo são questionados, percebidos ou *distorcidos* de acordo com o olhar de um

<sup>61</sup> Cujá tradução portuguesa é: *O Sonho do Cartógrafo. Meditações de Fra Mauro na Corte de Veneza do Século XVI*. Lisboa: Rocco-Temas e Debates, 2000.

<sup>62</sup> COWAN, James, *op. cit.*, p. 145-146. Itálico nosso.

<sup>63</sup> TIBERGHIE, Gilles A. - *Finis Terrae. Imaginaires et imaginations cartographiques*. Paris: Bayard, 2007, p. 131.

<sup>64</sup> HOULLEBEQUE, Michel, *La carte et le territoire*. Paris: Éd. J'ai Lu, 2012 [2010], p. 80.



leitor, de um autor, de um artista. A passagem do sistema geocêntrico ao heliocêntrico implicou, seguramente, muitas inquietações para o Homem, mas não se deu sem que este quisesse testar os escritos que conhecia ou sem que o que via o levasse a interrogar o mundo sensível que o rodeava, mesmo quando imerso em lendas e mitos que veio a verificar não existirem, ou melhor, veio a verificar serem classificáveis de outro modo. Mas foi esse mesmo Homem que necessitou de inscrever na sua existência a utopia e, depois, ao ver o seu reflexo - «como num espelho», como escreveu H. Augustodunense - de procurar que essa outra dimensão lhe devolvesse um significado, um sentido, uma via. As categorias em análise (tempo, espaço) são das mais complexas na apreensão daquilo que comumente se chama «realidade». Ora, a realidade, sabemos-lo hoje, é sempre mediatizada pelo saber e pelo ser de quem com ela interage. E o Imaginário tem uma função determinante, se não vital, na abordagem humana do real<sup>65</sup>, pelas possibilidades que encerra.

---

<sup>65</sup> Apesar da extensa bibliografia sobre o assunto, poderá ser proveitosa a leitura de ROBERT, Jean-Dominique - «Ambiguïté du concept de "réel"». *Laval théologique et philosophique*. 40, 1 (fév. 1984), p. 71-89 e de ROSSET, Clément - *L'École du réel*. Paris: Les Éditions de Minuit, 2008.